

O olhar da Revista Placar sobre a Copa de 1982 – “Enche o peito, Brasil: teu futebol é nossa alegria”.

Alvaro Vicente do Cabo

INTRODUÇÃO

O subtítulo deste artigo espelha uma retórica¹ jornalística sobre a seleção brasileira de 1982 que exalta o vistoso futebol praticado pela equipe comandada por Telê Santana nos estádios espanhóis. Trata-se do eixo norteador do discurso da principal revista esportiva do país na época, a Placar, e é na realidade a manchete principal da edição N.634 de 16 de julho do referido ano que saiu nas bancas logo após o término da Copa do Mundo realizada na Espanha.

Mesmo com a positiva mensagem, a estupefação diante da derrota sofrida para a Itália entre os principais jornalistas da revista é notória. Apesar de algumas tentativas de explicar racionalmente a derrota, centradas principalmente na tradição da seleção italiana, o que predomina é a valorização do suposto renascimento do futebol-arte no país após duas Copas no ostracismo de esquemas táticos duros e sem criatividade em uma atmosfera de grande decepção.

Sobre esta importante revista esportiva do país o historiador João Malaia escreveu um artigo publicado no livro “O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil” analisando as suas primeiras edições e trabalha com a ideia de duas licenças possíveis para este tipo de publicação durante períodos de censura:

Observar a maneira como essa revista se comportou durante suas primeiras edições, no momento da instauração da censura prévia, revela dois dos aspectos que considero da maior relevância no estudo da imprensa esportiva em períodos de exceção: a presença de um discurso político crítico de grande amplitude, possibilitado por duas licenças, a esportiva e a humorística; e a linha tênue entre a crítica e a necessidade e/ou a opção ideológica de alinhamento com o regime em vigor. (MALAIA: 153, 2012)

¹ O termo retórica é adotado em seu sentido clássico, derivado dos gregos e que estabelece funções dentre específicas, dentre elas a persuasiva e heurística, fundamentais para o discurso jornalístico. Não se trata portanto de uma visão equivocada do senso comum que muitas vezes define retórica como algo falso, empolado, negativo.

No ano de 1982 essas duas licenças possíveis apontadas por Malaia se encontram na, minha visão, ainda mais flexíveis em função do período de transição democrática ou “distensão” política do governo do General João Batista Figueiredo.

Sobre a relação da imprensa com a política e censura Luca (2005) observa:

Não há como deixar de lado o espectro da censura. Em vários momentos, a imprensa foi silenciada, ainda que por vezes sua própria voz tenha colaborado para criar as condições que levaram ao amordaçamento. O papel desempenhado por jornais e revistas em regimes autoritários, como o Estado Novo e a ditadura militar, seja na condição de difusor de propaganda política favorável ao regime ou espaço que abrigou formas sutis de contestação, resistência e mesmo projetos alternativos, tem encontrado nas preocupações contemporâneas, inspiradas na renovação da abordagem do político. (LUCA:2005,129)

Todavia, o ufanismo em cima da seleção nacional conhecida como “canarinho” devido às cores do uniforme, que apresenta um futebol vistoso segundo grande parte da mídia especializada durante o torneio parece espelhar um otimismo com as transformações políticas e sociais vividas no período de transição. Eleições legislativas, uma censura mais branda, o marketing em cima do personagem surgido no Pasquim, o “Pachecão” que passa a ser símbolo da torcida brasileira, parecem estar conectados com a nova realidade vindoura.

Assim sendo, analisar a cobertura da Revista Placar² sobre o campeonato mundial de 1982 pode ajudar na compreensão da possível relação identitária entre a seleção brasileira e a ideia de nação.

a) Opinião Placar, as colunas “Bola de Papel” e “Abrindo o Jogo”.

Três espaços fundamentais na revista para a análise do discurso emitido sobre o evento e a participação da seleção brasileira estão no Editorial, batizado de “Opinião Placar” quase sempre escrita pelo editor-chefe da revista, Juca Kfoury e as colunas Bola de Papel, que surge a partir da edição n.622 com Alberto Helena Jr, além do plural “Abrindo o jogo” em que ocorre um revezamento de autores na elaboração da crônica.

O editorial, batizado de “Opinião Placar” reflete essa visão otimista que se estende desde o futebol-praticado pela seleção brasileira até o momento histórico vivido pelo país estabelecendo visões politicamente engajadas.

² Para o presente artigo foram analisadas 14 edições da Revista, compreendendo o período de 09/04/1982 até 16/07/1982.

Na edição n. 620, por exemplo, ao elogiar o técnico Telê Santana, que gozava de reputação positiva praticamente unânime naquele momento, sua postura política conservadora do treinador é levemente criticada, apesar de minimizada diante da sua austeridade e da comparação ao vitorioso pugilista brasileiro Éder Jofre no editorial “Assunto Telê: Um homem conservador, um técnico seguro e ousado”:

Lembro apenas para ilustrar, que todo e qualquer adversário do nosso Éder Jofre –imortal campeão mundial dos pesos galos –sempre chegava aqui, ou o recebia prometendo massacrá-lo. Ele, seguro de si, não se alterava e ganhava sempre.

Será possível comparar as atitudes de Éder Jofre com as de Telê? Parece que sim. Telê demonstra confiança e não é dado a bazófias. Está tão correto em seu comportamento à frente da seleção como equivoca-se ao sair do seu campo de ação e declarar que os recentes motins de presos em São Paulo têm que acabar como acabaram, com tiros e mortes.

Tele é como Éder Jofre, confiante e é como o genial autor Nelson Rodrigues, um conservador diante da vida e um revolucionário na sua área de atuação (PLACAR:620, 9)

A confiança no treinador, independentemente da sua posição política mais conservadora, é atestada também na crônica de estreia da seção “Bola de Papel” que foi escrita em um contexto em que Telê Santana havia sido internado devido a uma pneumonia:

A concepção da jogada foi perfeita, no sentido de oferecer a esta bola de papel a direção extra para que a partir desta semana, ela passasse a pingar com graça e leveza a área de Placar. Ocorre que em meio a trajetória o destino entrou em campo, e num lance brusco, jogou ao leito de hospital o técnico Telê, conferindo assim um movimento nervoso e vacilante a estas primeiras linhas. Pois jamais na história do futebol brasileiro houve tamanha unanimidade em torno da figura do treinador nacional como acontece agora com nosso Telê. (PLACAR, 622, 14)

O otimismo explícito pode ser observado também no editorial “Por que se pode confiar no nosso futebol” em que a C.B.F (Confederação Brasileira de Futebol) é elogiada³ o campeonato nacional que acabava de terminar e se chamava taça de ouro exaltado e o futebol brasileiro que estaria no caminho do tetra “venerado” :

A verdade é incontestável. Desde a fundação da C.B.F o futebol atingiu um novo estágio...

³É importante destacar que, na minha opinião, a C.B.F criada em 1979 em um contexto histórico de abertura política e com uma natureza privada representava naquele momento um progresso no modelo de gestão do futebol brasileiro em comparação a organização anterior centralizada politicamente na CBD e que foi muito criticada pela própria revista durante a Copa de 1978, devido a uma possível postura autoritária. O jornalista Juca Kfoury, atualmente crítico veemente da C.B.F, provavelmente tinha também esta visão naquela conjuntura histórica, o que explicaria o elogio.

A taça de ouro, por exemplo chegou ao fim cercada da maior euforia. Primeiro, porque Flamengo e Grêmio a mereciam. O campeão mundial ficou com ela simplesmente por ter o melhor time do mundo, com o perdão da redundância...

Por isso, Placar investe, se transforma, segue em frente.

Nossa confiança no tetra, é inabalável porém muito mais importante do que isso, se pelas naturais contingências do futebol, Telê e nossa seleção não chegarem lá, nem assim seria uma catástrofe.

O futebol brasileiro já está maduro e nós também. (PLACAR: 623, 3)

Raras são as vozes dissonantes em relação a este clima de ufanismo. Uma das exceções é a instigante crônica da seção “Abrindo o Jogo” de Roberto Drummond, que “a posteriori” parece mais um sombrio vaticínio da derrota no estádio Sarriá, e foi intitulada “Ninguém critica a seleção . Isto é um péssimo sinal”. O texto questiona de maneira incisiva o otimismo exacerbado, estabelecendo também reflexões sobre a relação do evento com as práticas de consumo capitalistas e evocando o personagem humorístico “Zé da Galera” de Jô Soares como a voz da sabedoria, e sinalizando a importância dos meios de comunicação na propagação da euforia.

Você chega em qualquer esquina do Brasil e está todo mundo na base do oba-oba, festejando desde já.

Você entra num bar ,da Amazônia a Minas Gerais, passando por Santa Catarina, e está todo mundo comemorando por antecipação.

Você liga o rádio e o bombardeio não só pelos jingles e anúncios que vendem pneus, xampus, bancos, chicletes, refrigerantes, etc. No embalo da seleção canarinho do Brasil: você é bombardeado também por locutores e comentaristas superpatrióticos, que invocam nossa senhora da Aparecida, falam nos verdes mares bravios da nossa terra natal e juram que já somos os campeões do mundo na Espanha.

Você liga a televisão e o bombardeio é o mesmo.

Você abre os jornais e neles também está a mesma euforia, a mesma festa, o mesmo bombardeio otimista, na base do já ganhou, já ganhou...

Ninguém critica a seleção brasileira entre outras razões (incluindo suas inegáveis qualidades) , porque ela é hoje, o maior ponto de venda publicitário do Brasil.

Tudo bem: eu não sou contra as vendas, afinal, vivemos numa sociedade de consumo.

Do ponto de vista do futebol brasileiro, o oba-oba é tremendamente prejudicial, cria ilusões e vitórias antes da hora, o que faz a barca virar. Aliás sempre que saímos daqui cantando vitórias, voltamos derrotados, ou pior voltamos campeões morais, o que é uma tristeza talvez maior...

Mas nesse oba-oba todo eis que surge algum sensato. Trata-se do Zé da Galera, personagem vivido por Jô Soares. Toda noite de segunda feira, no programa Viva o Gordo, Zé da Galera utiliza um orelhão para mandar recados críticos a Telê. O recado já quase um bordão proferido por Zé da Galera , é o mesmo de Pelé:

- A seleção precisa jogar com pontas, Telê...

Saiba leitor: Zé da Galera é a voz da sabedoria. (PLACAR:622, 30-31)

Com relação à associação do evento com o consumo é possível observar que faz parte do próprio processo internacional de espetacularização e mercantilização do

torneio esportivo “Copa do Mundo” no mundo, fato que se acentua a partir de 1974 na gestão de João Havelange como presidente da F.I.F.A. É emblemático que em 1982 o número de seleções na fase final tenha aumentado de 16 para 24 e que e que nesses oito anos no poder o mandatário brasileiro tenha estabelecido diversas parcerias econômicas com empresas multinacionais como a Adidas, Coca-Cola e Kodak. Este processo é destacado pelo historiador espanhol Juan Antonio Simón:

Es indudable con la llegada de João Havelange a la presidencia de la FIFA, la Copa del Mundo se convertirá em El principal negocio para este organismo ao conseguir proyectarla a niveles planetários. El Mundial se abrirá a lós cinco continentes aumentando ao mismo tiempo las fuentes de ingresos, gracias a uma primera mpliación a 24 selecciones para pasar posteriorente a 32 equipos. Horst Daler, El hijo del fundador de Adidas y Patrickk Nally, uno de lós grandes nombres de la publicidad y el marketing deportivo em Inglaterra, trabajáran AL lado de Havelange para conseguir insertar lós mundiales dentro del imparable mercado global de televisiones y de lós grandes sponsors, para ló que era imprescindible abrir lās frontera del fútbol a nuevos continentes.

Al mismo tiempo, el Mundial de España también obligará em nuestro país a impulsar la reforma de lās infraestructuras básicas para poder acortar las distancias con lós países del entorno europeo. La profunda transformación de la RTVE permitirá cambiar las estructuras de cadena pública, logrando dar la mayor cobertura televisiva de una Copa del Mundo em toda su historia. (Simón: 2012, 104)

Internamente, o aumento das publicidades em torno da seleção e jogadores de futebol, em comparação com o torneio realizado na Argentina, é marcante e o próprio Telê Santana se torna “garoto-propaganda” da Kodak no Brasil. Alguns exemplos encontrados nas revistas analisadas são Sócrates anunciando os produtos da Topper, Falcão as camisetas da Hering, o tricampeão mundial Pelé do banco Unibanco, o ex-capitão de 1958 Bellini da televisão Sanyo e até mesmo Jorge Mendonça que jogara em 1978, mas perdeu a vaga no elenco em 1982 se torna símbolo de marketing da TV Mitsubishi com o jocoso bordão “Que maravilha seria estar na seleção. Se você também não vai à Espanha, veja a Copa no TV que mostra tudo”(PLACAR:631, 75)

No que diz respeito às críticas feitas nesta crônica de Drummond, e mesmo o folclórico personagem humorístico Zé da Galera, são discursos isolados que acabam solapados mesmo com a derrota do Brasil perante a Itália.

Juca Kfoury, por exemplo escreve na coluna opinião Placar após a derrota “A triste sina de um punhado de heróis” em que fala da frustração de ver essa equipe ser eliminada e apesar de adota um tom trágico exalta o mítico futebol-arte brasileiro.

A tristeza é óbvia. O melhor futebol desta má Copa da Espanha não está, sequer nas semifinais. A tristeza é amarga. Uma maravilhosa concepção de futebol perdeu, num jogo talvez, todo seu futuro. Oxalá, mas oxalá mesmo,

isso não ocorra. Que como a Holanda em 1974, as imagens que o mundo guarde sejam as dos maravilhosos bailarinos verde-amarelos.

E a tristeza acreditem, e muito maior em função de pensar em homens como - Oscar, um bravo Júnior, - um valente Falcão, a sensibilidade de Zico, - o obstinado Sócrates, esta lindíssima figura humana – aliados da conquista que buscaram com tanta garra, com tanta arte, com tanto merecimento. (PLACAR:633, 3)

Na coluna da mesma edição “Abrindo o jogo”, Márcio Guedes, então comentarista da Rede Globo, em crônica intitulada “Futebol de sonho sucumbe à fria lógica” divaga desde a decepção até a preservação da lembrança posterior desta equipe. Como um verdadeiro “guardião da memória” defende imediatamente esta mitológica seleção:

Como explicar a derrota do Brasil? Como falar da imensa e profunda decepção que nos surpreendeu no instante de maior euforia? Como entender a tristeza de toda uma nação que estava vestida de verde e amarelo e que pelo menos durante 30 dias, encontrava a sua verdadeira e maior identidade?

Estou aqui na sala de imprensa do Estádio Sarriá, em Barcelona, ainda sob o impacto do apito final de Abrahan Klein, um apito que soou muito estranho, que ninguém esperava, que saiu como uma verdadeira sentença de morte. De repente as velhas lembranças, a tragédia de 50, a derrota do famoso escrete húngaro em 54 e – por que não – o amargo vice-campeonato do carrossel holandês em 74.

Mas não, não creio que seja hora de lembranças desse tipo. Tentemos ser racionais quando tudo nos leva a ser passionais, quase tudo nos leva a procurar desesperadamente culpados por um fracasso estatístico no país do futebol. Mesmo que não tenhamos sequer disputado a semifinal, mesmo que a nossa campanha, numericamente tenha sido inferior às de 74 e 78, não tenho dúvida em afirmar que essa seleção deve ser preservada.

Ela deve ser lembrada com carinho como um ótimo exemplo de um grupo unido, honesto, que praticou um futebol ofensivo, alegre, insinuante, meio moleque até, e que nos conduziu a vitórias inesquecíveis e consagradoras. Uma seleção que nos revelou gols de antologia, que deslumbrou os europeus, que provocou de Di Stéfano a expressão: “Que coisa mais linda”. (PLACAR: 633, 14)

Alberto Helena Jr comenta a final da Copa disputada entre Itália e Alemanha, para a coluna “bola de papel” apontando um possível deslumbramento da imprensa internacional que legitimaria a perpetuação da imagem positiva escrete canarinho:

Aqui em Madri, ainda se ouvem os ecos das lamentações de todos que viram na Seleção Brasileira o caminho da redenção do futebol-espetáculo.

Não, não me refiro aos ufanistas brasileiros, os Pachecos que venderiam a roupa do corpo para perder a alma nos campos de Barcelona. Tampouco aos ufanistas de plantão que o incenso da vitória conduziu em rebanhos, à primeira fileira de aplausos e que agora rugem contra este ou aquele bode expiatório. Não.

Falo da imparcial crítica internacional, incluindo nesse conjunto até mesmo os italianos e alemães da grande decisão. Todos são unânimes, assim como os torcedores espanhóis em massa: foi o Brasil que deu cores, alegria e que abriu perspectivas para o ressurgimento do futebol elegante, ofensivo, inventivo, velho-novo, enfim”. (PLACAR: 634, 11)

Como assinalou Jacques Le Goff (1984) diversos atores sociais estão constantemente disputando o papel de “senhores da memória” e obviamente os jornalistas destas colunas fazem parte deste jogo.

Alguns dos ilustres comentaristas citados que escreviam nessas colunas permanecem até os dias atuais como verdadeiros ícones das mesas esportivas dos canais de televisão fechada e são indiscutivelmente defensores do futebol-arte, suposto estilo padrão do futebol brasileiro. Mas como as outras seções da Revista abordaram o torneio?

B) Democracia e futebol-arte em outras reportagens e seções.

Obviamente que não identificamos apenas no editorial e em colunas especiais o discurso de um periódico. As demais seções da Revista e as reportagens específicas sobre o contexto político, as partidas e o cotidiano dos jogadores também são importantes para analisarmos a visão estabelecida sobre a campanha brasileira na Copa de 1982 e os seus desdobramentos através de representações coletivas e identitárias para a Nação.⁴

A conjuntura política e a posição favorável à abertura pode ser observada em diversas matérias, como por exemplo, a reportagem “Não pode o quê?” de autoria de Marcelo Rezende.

É uma matéria que critica abertamente um regulamento de “direitos e obrigações” dos jogadores que teria sido elaborada pela comissão técnica e o diretor Medrado Dias e seria semelhante a uma cartilha estabelecida na Copa da Argentina pelo ex-capitão do exército Cláudio Coutinho, então técnico da seleção. Segundo o repórter que convivia com os jogadores na Toca da Raposa, ninguém teria dado muita atenção ao regulamento, porém entendendo que somente o fato do mesmo existir implica em uma situação de fato que não combinava com o contexto apresentado nas reportagens e ensejava uma leve censura às declarações dos jogadores. Segue abaixo alguns trechos emblemáticos da reportagem:

Quem esteve na semana passada na Toca da Raposa e percebeu o clima de tranquilidade e alegria que envolve a concentração da seleção brasileira, não

⁴ No que diz respeito aos conceitos de representação coletiva e nação trabalho predominante com os referenciais teóricos contidos nas obras de Benedict Anderson (comunidades imaginadas) e Eric Hobsbawm (invenção das tradições e Nações e Nacionalismos).

pode compreender a utilidade do anacrônico regulamento que a comissão técnica fez circular, sigilosamente entre os jogadores. Editado num livreto branco com o escudo da C.B.F na capa, este regulamento que contém 7 artigos e 20 parágrafos dita as normas de comportamento que os jogadores deverão seguir daqui até a Copa do Mundo. Dessa iniciativa, não se pode dizer propriamente que honre a C.B.F, nem sua saneadora gestão e muito menos o apelido de “seleção da abertura” com o que foi brindado o time de Telê em homenagem ao promissor momento político que vive a Nação. Em seu vigésimo parágrafo, por exemplo, o artigo segundo inclui entre os deveres do atleta “apresentar-se sempre adequadamente uniformizado, com cabelos cortados e penteados; não permanecer nos hotéis ou nas concentrações junto aos bares, copas ou cozinhas”...

O parágrafo 16 recomenda “não tecer comentários ou dar entrevistas sobre o assunto de ordem interna da seleção ou que digam respeito a particularidades da organização esportiva dos países visitados ou entidades adversárias...”

Sentado no seu quarto na Toca da Raposa, um importante jogador da seleção – que, por razões óbvias, pediu anonimato – leu o livreto e comentou:

- Isso aqui é um lugar de adultos com regulamento para meninos de escola pública.

De fato, na insistência com que se repete a palavra NÃO – 15 vezes, este regulamento parece irmão gêmeo daquele que policiou as ações da mesma seleção brasileira na Copa de 1978. Não poderia haver pior modelo. No Mundial da Argentina, nosso futebol ainda padecia sob a desatinada administração da C.B.D, e em termos gerais, o Brasil só conhecia a distensão do Governo Geisel, que só meses depois evoluiria para a “abertura de Figueiredo”. Mais grave do que desconhecer essas mudanças, porém é tomar esse grupo de pessoas muito menos sério e responsável do que ele realmente é. João Medrado Dias, diretor de futebol da CBF e autor do regulamento não pensa assim e fez sua defesa:

- “O regulamento foi feito apenas para mostrar ao público externo a nossa preocupação com a conduta da seleção, até mesmo para influenciar os juízes que notarão a nossa preocupação em educar os nossos jogadores” (PLACAR:624, 56-57)

Mas apesar da controversa cartilha apresentada na reportagem citada acima, segundo o jornalista Alberto Dines⁵, em matéria publicada após a derrota diante da Itália, o Brasil com seu suposto estilo de jogo alegre e festivo, estereótipo do futebol brasileiro propagado mundialmente, além da postura da comissão técnica, que segundo ele, estabeleceu uma relação amistosa com a imprensa estrangeira, teria “dado aulas de democracia” a anfitriã do Mundial:

O que acontece com a Espanha redemocratizada – perdeu o interesse pelo futebol ou perdeu a paixão? A Espanha democratizou-se, distribuiu suas paixões, espalhou seu ardor, criou opções para a devoção e para o entusiasmo. Se antes do futebol o povo espanhol colocara seu fanatismo nas touradas, desconcertando sua potência de vibração, agora com um país absolutamente aberto, o clubismo substituiu-se pelo partidarismo e outros ismos.

Na Espanha, não esqueçamos, ainda sob o regime de Franco, começaram as comunidades de vizinhanças (as nossas associações de bairro), onde a disposição de “torcer” é dirigida a questão primacial – sobrevivência. Com a

⁵ O jornalista Alberto Dines não era enviado especial da Revista Placar a Espanha e teria ido como correspondente da revista masculina Playboy para escrever “O Romance da Copa”.

democratização surgiu o problema das autonomias regionais que no País Basco ou aqui na Catalunha, absorve grandes cargas de emoções e empenho. O futebol aqui é importante. Tão importante que os clubes desempenham grande papel social (vejam o Barcelona com seus 120.000 associados). Mas não existem estádios públicos – em outras palavras, não há interferência do poder e do Estado, seja para estimular, seja para manejar o Estado.

Curiosamente – por um destes paradoxos que os cientistas políticos melhor poderiam explicar – a nossa seleção tem dado aulas de democracia. O futebol-alegria que apresentamos, o virtuosismo pessoal harmonizado por táticas extremamente simples e inteligentes é, na realidade, uma escola liberal e liberada, conjugação de indivíduos e coletivo, físico e cérebro. Pé e calcanhar. Estamos praticando um futebol fisiocrático cujo lema bem que poderia ser “laissez faire, laissez jouer”, cujos patriarcas são muitos e, entre eles, não se pode deixar de mencionar João Saldanha.

Não apenas com o belíssimo futebol oferecemos lição de descontração e entendimento, mas também no relacionamento com a imprensa. Enquanto, explodem crises entre as diversas delegações e a fina flor do jornalismo internacional (as mais notórias envolvendo franceses, italianos, e naturalmente argentinos), a chefia da delegação e a Comissão Técnica optaram por algo totalmente inédito no Brasil, mas rigorosamente corriqueiro em qualquer país civilizado: a imprensa goza de toda liberdade até fartar-se. Telê, os jogadores, Giulite Coutinho e Medrado Dias armaram-se de uma fantástica dose de paciência e respondem a cada uma das 30 entrevistas que lhes fazem por dia. (PLACAR: 633, 4-5)

Analisando objetivamente ambas as reportagens, acredito que nem a cartilha representou concretamente uma intervenção autoritária, e nem o bom futebol praticado pela seleção brasileira até ser eliminada, chamado por Dines de “futebol-alegria” deve ser interpretado acriticamente como uma “escola liberal e liberada” propagadora de ideais democráticos.

Todavia, o que é possível identificar é que existe uma tentativa de estabelecer também em diversas outras reportagens da revista, além do editorial e das colunas específicas abordadas no item anterior, um discurso que enseja uma metáfora do papel político exercido por uma representação coletiva que seria o futebol-arte. Este suposto estilo de jogo essencialmente brasileiro é no contexto histórico do início dos anos oitenta associado a própria aspiração democrática.

Outrossim, existe uma exaltação da mobilização social que se consolida inclusive em declarações de “celebridades” e personalidades políticas como na seção “Gente” do número (625, 16-18) que tem como título: “A Copa do Mundo mobiliza todas as estrelas da constelação brasileira. Além das 22 que lutarão diretamente pelo título nos gramados espanhóis, inúmeros outros permanecerão no Brasil não menos tensos, à espera da vitória. Torcer, manter as superstições e rezar, são algumas das muitas maneiras de participar de uma Copa do Mundo”. Dentre essas “estrelas” gostaria de destacar algumas afirmações polêmicas ou ao menos curiosas:

- Pretendo ver todos os jogos e beber muita cerveja. O PT não terá programação nos dias de jogos da seleção, porque gostamos de futebol. Ao contrário do que se pensa o futebol não aliena. O povo já sabe que título mundial não enche barriga. (Lula – Presidente do PT)

- De maneira alguma deixarei de participar deste plebiscito nacional. Este momento de união supera todas as formas de avaliação democrática dos anseios populares. A vitória na Copa será a oportunidade para a redemocratização do país. (Alceu Amoroso Lima – Escritor e líder católico)

- Se índio participasse da Copa, eu até assistiria. Seria muito gozado. Como não participa estou preocupado com o que pode acontecer nas Malvinas. Torço pelo Brasil, mas não saio da minha rotina. Não verei televisão, nem escutarei rádio (Orlando Villas Boas – Sertanista e indigenista)

- Sei que o futebol anestesia o povo, mas meu lado masculino ama o futebol. Vou torcer muito, apesar dos males que a conquista do título possa trazer ao país. Mas, afinal é com a seleção que o país melhora a imagem no exterior. (Rogéria – Travesti).

- A Copa do Mundo é instante de apaziguamento dos espíritos, um momento singular na vida dos povos. Para nós brasileiros, é a hora ecumênica da vida nacional, e a unificação de todos em torno do objetivo de vitória. A Copa unifica, consolida e fortalece o espírito de união nacional. Onde quer que eu esteja vou parar para ver os jogos e torcer pela televisão. (Tancredo Neves – Político)

- Acho que desta vez, ao contrário das duas últimas Copas, o técnico está respeitando a criatividade do jogador brasileiro. Telê restituiu a malícia e a improvisação no nosso futebol. (Jorge Amado – Romancista)

- Os dias de jogos são dias de festa, de união entre os brasileiros. O arcebispo de São Paulo tem a mesma história dos homens das ruas, que já participou de rachas e peladas. Por isso já pedia a irmã secretária que ajeite os compromissos para que eu não incomode ninguém nem seja incomodado durante os jogos. O Brasil precisa de nossa torcida e orações. (Dom Paulo Evaristo Arns – Cardeal de São Paulo)

- Não verei Copa do Mundo, não verei seleção, não verei futebol. Índio tem coisas mais importantes para resolver. Índio está preocupado com a terra, com fome, com sobrevivência. Copa do Mundo e futebol são maneiras de governo distrair o povo. Juruna vai fazer campanha para deputado. Juruna não faz demagogia. Só não gosta de futebol. (Cacique e candidato a deputado pelo PDT)

- Não sei se na hora do jogo, serei eu, o Pantaleão ou o Coalhada que ficará em frente da teve, porque meu ritmo de trabalho é intenso. (Chico Anísio – Humorista)

Apesar da natureza caricata de algumas declarações, elas espelham debates importantes sobre a relação entre o futebol e a Nação naquele momento histórico. A discussão muito presente no período sobre o futebol como ópio do povo ou elemento de integração pode ser percebida entre àqueles que defendem veementemente o esporte como Lula, Tancredo Neves, Alceu de Amoroso Lima e o próprio Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, ou em comentários negativos como o do cacique Juruna ou do travesti

Rogéria. A questão do estilo de jogo do futebol brasileiro é levantada por Jorge Amado e a onipresença da televisão percebida nos comentários de Chico Anísio e Osvaldo Vilas Boas.

Considerações finais

Decorridos 32 anos, nenhuma outra seleção brasileira foi tão aclamada como o time de craques: Zico, Sócrates, Falcão, Júnior, Cerezo, Leandro, Éder, etc. Mesmo as equipes que se tornaram campeãs do mundo em 1994 e 2002 não possuem a aura e o reconhecimento metafísico do estilo brasileiro de jogar futebol, salvo exceções individuais como Romário e Bebeto na Copa dos Estados Unidos ou Ronaldo e Rivaldo na “Família Felipão”.

Mas será que futebolisticamente, apesar da retórica da alegria e da beleza do futebol-arte brasileiro, o que deve predominar racionalmente no inconsciente coletivo não é a tristeza e a lamentação de constatar que essa seleção sensacional se constituiu em uma exceção? Ela foi uma das maravilhosas equipes que aparecem esporadicamente no futebol mundial e que, infelizmente para nós brasileiros, não conseguiu ganhar uma Copa.

A construção estabelecida no discurso da revista Placar entre o futebol “alegre e artístico” praticado por essa equipe e os princípios de uma sociedade democrática vindoura não representaram também a utilização do futebol como um discurso político? Neste momento de transição, o esporte mais popular do país deixa de ser ópio para se tornar um biotônico energético.

Mesmo com a derrota, esta seleção tinha que permanecer exaltada, pois naquele momento ela era a metonímia de uma Nação que saía da “tristeza” de uma ditadura e caminhava para a “festa” da democracia.

Referências bibliográficas.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão dos nacionalismos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HOBBSBAWN, Eric J. e Ranger, Terence. *A Invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOBBSBAWN, Eric J – Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LE GOFF, Jacques. *Memória*. In *Enciclopédia Einaudi Memória – História vol. 1*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LUCA, Tânia Regina. In: *Fontes Históricas*. Org: Carla Bassanezi Pinsky. São Paulo: Contexto, 2011.

MALAIÁ, João. *Placar: 1970*. In: *O Esporte na Imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Orgs: Bernardo Buarque de Hollanda e Victor Melo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

PLACAR. Edições 620 até 634.

SIMÓN, Juan Antonio. “*El Mundial de fútbol de 1982: Escaparate de la nueva democracia española*”. In Revista eletrônica:

http://www.upo.es/revistas/index.php/materiales_historia_deporte/article/view/538.

Acessada em 12/04/2014.